

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PLANO DE AÇÕES ARTICULAS: FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA - PARFOR
GRADUAÇÃO EM LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍGUA PORTUGUESA

MARIA DO CARMO SOARES DE SOUZA

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM BARCARENA NOS ANOS 1990

Barcarena
2014

MARIA DO CARMO SOARES DE SOUZA

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM BARCARENA NOS ANOS 1990

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras: Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S719a Souza, Maria do Carmo Soares de.
Alfabetização de jovens e adultos em Barcarena nos anos 1990
/ Maria do Carmo Soares de Souza. — 2014.
42 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Edson de Freitas Gomes
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2014.

1. Alfabetização de jovens e Adultos. 2. Professor. 3.
Qualificação profissional. I. Título.

CDD 370

MARIA DO CARMO SOARES DE SOUZA

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM BARCARENA NOS ANOS 1990

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras: Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Me. Edson de Freitas Gomes

Data: / /2014

Conceito:

BANCA EXAMINADORA

Prof.Me. Edson de Freitas Gomes – Presidente
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Rosenildo Da Costa Pereira-Membro
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Carlos Henrique de Almeida Lopes-Suplente
Universidade Federal do Pará – UFPA

DEDICATORIA

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus por ter concedido essa grande oportunidade e a minha família na pessoa do meu esposo João Miranda de Souza e aos filhos, noras, genro e netos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração daqueles a quem me refiro. A todos meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus pela vida, oportunidade e saúde porque quando o homem diz não tem jeito, ele está bem perto para nos garantir a vitória.

A todos os professores da Universidade Federal do Pará, na pessoa da professora Glória Regina Amaral coordenadora da Faculdade de Letras do Campus de Abaetetuba e do professor Doriedson Rodrigues, coordenador do Parfor-Letras, e a todos os que ministraram aulas nesses quatro anos, pois não mediram esforços, em deixar suas famílias e virem com muita garra, carinho e dedicação, cada um fez sua parte, como se fosse uma construção. a todos vocês, muito obrigada, vocês são verdadeiros heróis.

Ao meu filho, professor Jairo Soares de Souza, que sempre esteve ao meu lado, dando apoio, incentivo, ajuda financeira, sempre me ajudou no decorrer do curso em pesquisas, com transportes, comprou vários livros, computador, impressora, internet, tudo o que era necessário para concluir o curso. A você Jairo, muito obrigada e que Deus te abençoe.

Ao meu esposo, o empresário João Miranda de Souza, os meus filhos Débora Helena, Eunice Portilho, Joiceyara de Souza, Josué S. de Souza, Lemuel Pantoja e aos netos Gabriel e Caio Daniel, todos foram muito importante nesse processo, para eu realizar esse sonho. Obrigada pelo apoio que vocês me deram, a vitória é nossa em nome de Jesus.

Ao meu orientador, professor Edson de Freitas Gomes pela paciência, esforço, dedicação, compreensão, chego a não ter palavras para dizer o quanto sou grata a Deus, pela sua vida e de sua família e que Deus continue te abençoando e você sendo esse profissional comprometido com a educação.

Às professoras Eliete Soares, Antônia Teles e Edna Dantas, colegas que sempre estivemos juntas nas horas boas e difíceis, formamos grupo no início do curso e chegamos ao final, sempre unidas e uma ajudando a outra, vocês foram muito importante, agradeço a Deus pelas vossas vidas, que na pós possamos estar juntas novamente e que Deus as recompense por tudo.

À professora Maria Isabel Menezes, coordenadora local do Parfor. A pessoa que acompanhou cada passo, sempre à disposição dos alunos e professores, acompanhou os alunos na época dos seminários em Belém, sempre com sorriso no rosto, somos gratas pela sua vida e que Deus te abençoe e você possa fazer muito mais pelas outras turmas.

Educai as crianças, para que não seja
necessário punir os adultos.

Pitágoras

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central de mostrar um pouco por meio, de pesquisa feita com alunos e professores, como ocorreu o processo de alfabetização de jovens e adultos em Barcarena na década de 1990. E também como as pessoas vinham de outras regiões com a finalidade de conseguir emprego nas fábricas, mas eram impedidos por falta de estudos e qualificação profissional. Tratar da educação de jovens e adultos, na visão dos autores Magda Soares, **Alfabetização e letramento** 2013. Suzana Schwartz, **Alfabetização de jovens e adultos** 2012. Lígia Regina Klein **Alfabetização Quem Tem Medo de Ensinar** 2002. Luiz Antônio Marcuschi. **Da Fala para a Escrita** 2010. Como os adultos não alfabetizados estão inseridos, em uma sociedade letrada e totalmente escrita, algumas dicas para alfabetizar adultos, o que acontece quando um adulto é alfabetizado, aprende a ler, escrever, a produzir em situações específicas, como os educadores devem agir para que os alunos jovens e adultos não desistam dos estudos. Os educadores devem com habilidade estimular o aluno para ele pensar antes de agir, para transformar a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência.

Palavras Chave: Alfabetização de Jovens e Adultos. Professor. Qualificação profissional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 PROBLEMAS REFERENTES À ALFABETIZAÇÃO	12
2.2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	14
2.3 ORALIDADE E ESCRITA DE JOVENS E ADULTOS	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DE BARCARENA.....	19
3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	22
3.3 PESQUISAS DE CAMPO	23
4 RESULTADO DOS DADOS	25
4.1 PRIMEIRO ENTREVISTADO (ALUNA).....	25
4.2 SEGUNDO ENTREVISTADO (ALUNO)	26
4.3 TERCEIRO ENTREVISTADO (ALUNO)	27
4.4 QUARTO ENTREVISTADO (ALUNA)	28
4.5 QUINTO ENTREVISTADO (ALUNA)	30
4.6 SEXTO ENTREVISTADO (ALUNO)	31
4.7 SÉTIMO ENTREVISTADO (PROFESSORA)	32
4.8 OITAVO ENTREVISTADO (PROFESSORA)	33
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A década de 1990 foi uma época em que capacitar pessoas para atuar em um mercado de trabalho que exigia qualificação profissional, era mostrar para a sociedade que as pessoas podiam se superar por meio da alfabetização e podiam dar o primeiro passo para um futuro diferente, propondo situações em que elas perceberiam suas capacidades cognitivas de aprender os conhecimentos técnicos e ter consciência de seus direitos e deveres no âmbito da sociedade.

Este trabalho se justifica pelo fato de investigar como ocorreu o processo de alfabetização de jovens e adultos no centro urbano de Barcarena nos anos 1990, época em que Barcarena se tornou um grande polo industrial a partir da década de 80 do século XX e precisava de trabalhadores capacitados para atuarem nas empresas instaladas na região. Aqueles que não possuíam essas qualificações, não podiam trabalhar nas fábricas como Albrás e Alunorte. Alguns conseguiam vagas nas empresas terceirizadas, mas eram os trabalhos mais pesados e com as menores remunerações.

Em vista disso, o presente trabalho tem o objetivo de verificar como ocorreu o processo de alfabetização de jovens e adultos no centro urbano de Barcarena nos anos 1990 e qual foi o impacto desse processo. É época em que alfabetizar adultos para ingressar no mercado de trabalho, era um desafio não só para os professores, mas para o município e para o sistema educacional.

Por meio de pesquisa de campo, com alunos e professores que viveram essa realidade da época, pudemos constatar que os adultos, homens e mulheres, tinham interesses e necessidades de ingressar em uma escola pública, para serem alfabetizados e o motivo que os levou a procurarem a escola em busca de aprender a ler e a escrever foi para melhorar suas capacidades profissionais, mas como em todo processo de aprendizagem, muitos não conseguiram superar as dificuldades.

Para a realização do trabalho entrevistamos seis alunos: três homens e três mulheres e, duas professoras da época, os alunos não estudaram em escolas diferentes; as professoras atuaram na rede Municipal e Estadual. Uma das professoras ainda está atuando na escola; a outra já está aposentada, mas ainda prestam serviços à sociedade. As duas atuaram em sala de aula na educação de jovens e adultos. E consideram essa época, como a época do desafio. Também afirmam que não houve muitas mudanças no que se refere à educação de jovens e adultos. O processo continua da mesma forma, é grande o índice de evasão e repetência.

Esses trabalhadores convencidos de que não podiam exercer outras funções, com melhores salários, por falta de estudos, procuravam as escolas para ingressar no processo de alfabetização; outros que já eram alfabetizados, ou iam às escolas para continuar os estudos, para adquirir conhecimentos que os ajudassem a alcançar seus objetivos e conseguir uma proposta melhor de emprego.

A educação de jovens e adultos foi um processo muito importante na formação escolar, principalmente para adultos que precisaram comprovar escolaridade no trabalho, foi a forma mais rápida de conseguir a certificação e esse é um fator que lá na frente iria produzir outros conhecimentos. Por meio desse processo as pessoas puderam desenvolver habilidades, ampliar conhecimentos e chegar à universidade e, ainda proporcionar melhorias à sociedade em que estão inseridas.

O conteúdo deste trabalho, está distribuído em cinco capítulos:

No capítulo I, Introdução, apresentamos a justificativa e o objetivo do trabalho.

No capítulo II, Fundamentação Teórica, apresentamos os teóricos que deram embasamento ao trabalho, problemas referentes à alfabetização de jovens e adultos, à oralidade e à escrita.

No capítulo III, Procedimentos Metodológicos, apresentamos o processo metodológico, em que descrevemos os passos seguidos na realização do trabalho, o capítulo apresenta o contexto histórico do nome do município de Barcarena, até a década de 1990. Afigura um mapa do Pará, dois mapas de Barcarena e os passos seguidos na pesquisa de campo.

No capítulo IV, Resultado dos Dados, apresentamos e discutimos os dados, os resultados obtidos a partir da pesquisa feita com seis alunos e duas professoras, que permitem a compreensão de como o processo de alfabetização foi importante na vida de adultos não alfabetizados.

No capítulo V, Conclusão, expomos um resumo dos resultados obtidos durante a descrição do trabalho.

Nas Referências, apresentamos os teóricos que foram consultados e citados no trabalho e finalmente no Apêndice, os questionários aplicados na pesquisa e as fotos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando se trata de alfabetização de jovens e adultos, sabemos que é uma modalidade da educação muito importante na vida daqueles que não tiveram oportunidade de aprender a ler e a escrever. Em uma sociedade que valoriza o conhecimento, aqueles que não se enquadram no perfil exigido são excluídos do mercado de trabalho.

Nestas palavras de SOARES (2013, p. 17-18) podemos observar que:

A alfabetização é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa. Para um lavrador a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes das funções e fins que esse mesmo processo terá para um operário de região urbana.

Em primeiro lugar, o processo de alfabetização está continuamente ligado à instrução formal. A prática da alfabetização não é meramente a habilidade para produzir, codificar e decodificar, ao contrário, quando uma pessoa passa para a condição de alfabetizada, usa esse conhecimento para a execução das práticas na sociedade em que está inserida. A alfabetização é um processo que está em constante mudança por conta dos avanços da ciência e da tecnologia. Assim, constatamos que:

A alfabetização não é apenas para aprender técnicas de ler e escrever, mas a alfabetização como tomada de consciência, como meio de superação de consciência ingênua e conquista de uma consciência crítica como promoção da ingenuidade em criticidade. (SOARES, 2013, p. 120).

O processo de alfabetização é uma construção ativa muito mais que ler um pequeno texto, uma receita ou o nome de rua, vai muito além, é saber perceber o que está adjacente. É fazer críticas construtivas sobre qualquer forma de leitura, é como tirar dos “abrolhos rosas”, um indivíduo alfabetizado é capaz de compreender, analisar, interpretar e saber extrair informações dos textos, sejam eles impressos, falados ou visuais, a respeito das ideias do autor, e construir suas próprias ideias, também é saber como funciona a estrutura da língua e a forma que ela é usada na sociedade.

Todo indivíduo que vive em uma sociedade, pensa e constrói hipóteses sobre ela, a diferença está em como essas hipóteses são construídas. O indivíduo que não é alfabetizado constrói suas hipóteses, mas que às vezes não podem ser realizadas, pelo fato de ele não se apropriar de conhecimentos suficientes, capazes de sustentar suas ideias, então saber ler, escrever e interpretar, são os ingredientes principais dessa receita chamada alfabetização.

2.1 PROBLEMAS REFERENTES À ALFABETIZAÇÃO

Desde 1986, acompanhamos o processo de educação por meio da EJA. Como Em decorrência desse fator resolvemos pesquisar como ocorreu esse processo na década de 1990. Nessa época houve um aumento de habitantes no município de Barcarena, as escolas não tinham estrutura suficiente para comportar todos esses alunos, que vinham de várias regiões do Pará procurar vaga no mercado de trabalho local.

Para conseguir uma vaga nas empresas do complexo Albrás/Alunorte, na época, os funcionários deveriam assinar a folha e os contracheques, do contrário não seriam contratados e se conseguissem era para realizar os trabalhos menos qualificados possíveis. Era preciso que possuíssem no mínimo a 8ª série ou algum curso técnico, para garantir a permanência no emprego. Então muitos resolveram voltar a estudar na EJA, buscando melhorar sua qualificação profissional.

Na pesquisa realizada, constatamos que muitos alunos não conseguiram avançar nos estudos, pois a fadiga, o cansaço diário, levavam esses alunos à desmotivação, resultando no fracasso escolar. Enquanto isso acontecia, outros vindos do Sul e do Sudeste do Brasil ficavam com as melhores ofertas de trabalho, porque possuíam habilidades e competências para as funções existentes.

Após várias pesquisas realizadas em escolas públicas, Klein parte do pressuposto de que “o fracasso escolar se considera na forma de evasão e repetência. Está ligado à má formação do professor e ao descompromisso com a educação”. Para que tenham sucesso nas escolas públicas e principalmente na educação de jovens e adultos, é preciso que os educadores assumam compromisso, pois o desafio é grande, principalmente por se tratar de alunos oriundos das classes populares.

Klein (2002) apresenta três aspectos fundamentais para se conduzir um trabalho de alfabetização com sucesso, a saber: a escola pública como espaço capaz de socialização dos conhecimentos; destacar a importância do ensino da língua e aquisição do código escrito como estruturação necessária e fundamental às classes populares; identificar o fracasso escolar como sendo originalmente, o fracasso na alfabetização.

Os professores qualificados deverão usar suas habilidades para mudar o rumo da educação. A autora também admite que os educadores parece que ficam imobilizados para encaminhar soluções para questões básicas da educação Brasileira. Como nos mostra neste trecho:

Partindo da evidencia de que os índices de reprovação e repetência são significativos entre alunos das chamadas “classes populares”, conclui-se que existe uma

incompetência técnica, ou seja, um despreparo do professor para ensinar um aluno que apresenta características socioculturais decorrente da sua condição de classe. A classe trabalhadora e, mais do que isso, de seguimentos acertadamente pobres dessa classe constitui a grande maioria da população escolar – não correspondem as características que constituem o “modelo” de aluno para a quase organizada escola pública brasileira, desde as suas origens. (KLEIN, 2002, p. 19).

A autora faz alguns questionamentos sobre a tarefa de alfabetizar jovens e adultos, a culpa é de quem? Do município? Da escola? Ou do próprio indivíduo? Nem sempre “a incapacidade do aluno é a incompetência do professor”.

Às vezes os alunos não têm motivação para estudar, professores desatualizados, com metodologias ultrapassadas, alunos que não tiveram acesso à escola na idade adequada. Esses e outros fatores contribuem para o fracasso, seja da criança ou do adulto. Quando essa dificuldade recai sobre os alunos, são corrigidas por profissionais competentes que atuam, como mediador entre o aluno e a aprendizagem. Deve-se ainda levar em conta os fatores sociais desses indivíduos.

A partir dos anos 1990 aumentou a procura por vaga nas escolas públicas por jovens e adultos. Pessoas de classes menos favorecidas, não tendo chances de concorrer uma vaga no mercado de trabalho. Por isso, muitos deles procuravam a escola já na fase adulta, para estudar. Eles reconhecem que é só por meio do estudo que podem conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho.

Sabemos que quanto menor for o nível de escolaridade, o indivíduo tem menos capacidade e qualificação para concorrer a uma vaga no mercado de trabalho.

O analfabetismo passa, pois a ocupar um espaço privilegiado nos debates educacionais. Os educadores denunciam um processo de produção de analfabetos, quer pelo não acesso a escola, quer pela incompetência da escola na tarefa de alfabetizar. (KLEIN, 2002, p. 23).

A alfabetização é o primeiro passo no caminho do estudante, que o levará a aprender, a ler e a escrever de forma mais abrangente. É por esse processo que o indivíduo começa a refletir, transformar seus pensamentos, expor seu ponto de vista, em diferentes âmbitos sociais. O objetivo maior da alfabetização é desenvolver nos indivíduos uma nova postura social, dá-lhe habilidades e competências para que eles possam desenvolver seus trabalhos com sucesso e segurança. Alfabetização não é só ler e escrever é despertar para um futuro melhor, mais digno. É direito de todo cidadão que faz parte de uma sociedade.

2.2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Tomamos como referência para a nossa pesquisa o trabalho da professora Suzana Schwartz, por que é um trabalho de qualidade, brilhante no que se refere à alfabetização de jovens e adultos, é muito eficiente para capacitar educadores-alfabetizadores. É uma verdadeira formação para aqueles educadores que não possuem muitas habilidades com a EJA. O problema da alfabetização não está apenas, em uma característica interdisciplinar, é preciso considerar outros aspectos da aprendizagem como a leitura e a escrita.

A professora Schwartz, orienta como o professor deve encaminhar um trabalho, como dirigir a leitura, quando introduzir a letra cursiva, como conduzir os alunos a trabalharem em grupo, ensina sugestões para vencer os conteúdos no tempo ideal, sem cansar os alunos. Ensina ainda como fazer para que aqueles alunos que vêm cansados não durmam na sala de aula e absorvam o conteúdo repassado pelo professor. Dessa forma, a alfabetização se torna um conjunto de habilidades capazes de desenvolver no aluno outras capacidades como interpretação e análise.

A referida autora, afirma que “A motivação é o motor da ação”. Para se realizar um bom trabalho é preciso que haja um objetivo de ambas as partes “ensinar x aprender”. O professor-alfabetizador deve sustentar suas ideias de ações docentes; o aluno deve ser firme no que ele almeja buscar, aprender a ler e a escrever, até mesmo para ir mais longe, chegar ao ensino médio e à universidade, passar de uma pessoa comum, para se tornar um cidadão responsável pelo sucesso profissional e pela elevação da cidadania.

Os professores-alfabetizadores estão se equivocando, não estão sendo felizes em suas ações, quando consideram que indivíduos que sabem ler e escrever são alfabetizados, mas a alfabetização não se resume a ler e a escrever. Um indivíduo precisa ser capaz de ler, escrever, analisar, compreender e elaborar um texto, além de ter a capacidade de emitir opinião a respeito das ideias que fazem parte do seu cotidiano e do mundo que o cerca. Isso é ser um indivíduo alfabetizado. A alfabetização é um processo de natureza complexa, ou seja, ensinar as habilidades de ler e escrever é atribuir um significado muito grande a alfabetização.

Sendo assim, é possível compreender por que “apenas” a habilidade de codificar e decodificar um sistema arbitrário não é suficiente para atender a compartilhar a complexidade do conceito alfabetizado. Escrever e ler são ações que o sujeito desenvolve sobre a linguagem escrita. Ao escrever, primeiramente volta para o próprio pensamento organizando-o mentalmente, sistematizando-o, para concretizar a função da escrita, o pensamento tem que sair para fora do sujeito. (SCHWARTZ, 2012, p. 24).

Considerando que o processo de alfabetização no Brasil tem sido bastante negativo, a sala de aula reflete o mesmo processo que ocorre na sociedade. Cada pessoa que está ali representa uma parte da sociedade. O professor está para transformar, o aluno para ser transformado em suas condutas, cabe aos educadores usarem suas habilidades, para identificar os fatores que podem determinar essas transformações. E aos alunos cabe a submissão de serem transformados a partir dos conhecimentos adquiridos.

Depois de várias pesquisas, a autora faz algumas considerações a respeito do medo que o aluno tem do “novo”, o aluno adulto não alfabetizado, sente muita insegurança no que está relacionado ao ensino-aprendizagem. Ler e escrever para ele, são fatores desconhecidos que até então não fazia parte do seu cotidiano, aliado a um sentimento, um desejo inconsciente que desperta curiosidade, ele vem para a escola almejando obter o conhecimento que ele não teve acesso na idade adequada, isso pode ter sido reflexo de deficiência familiar que precisa ser superado por esse indivíduo.

Assim sendo, o aprendiz suportara a sensação a ser capaz ou não de aprender. Se ele perceber as aprendizagens que está construindo, ele sentirá prazer nisso se ele conseguir significar a aprendizagem, ele se sentirá capaz, e essas serão as situações que uniram nesse sujeito o desejo de fugir e de abandonar a escola. (SCHWARTZ, 2012, p. 69).

No que se refere à alfabetização de jovens e adultos é preciso que o educador leve em consideração o conhecimento que eles trazem e os aprimore, o alfabetizador deve contribuir para que os indivíduos se apropriem da leitura e da escrita, tornando-os usuários independentes da linguagem. Os jovens e adultos que não são alfabetizados pensam e interagem com objetos de informações, por isso eles são suficientemente capazes de desenvolver qualquer habilidade e construir seu próprio aprendizado. Para que esse processo ocorra, o alfabetizador precisa ter competência e capacidade de despertar no aluno a curiosidade para que ele se desenvolva cognitivamente.

O professor-alfabetizador precisa conhecer a necessidade do aluno e partir para a realidade em que o aluno está inserido, esse conhecimento faz com que o professor perceba e não repita processos que não levam à aprendizagem, nem estão de acordo com a necessidade do aluno, que na alfabetização eles precisam ser estimulados a pesquisar, de acordo com seu conhecimento, a descobrir o processo da leitura e da escrita, para que ele possa desenvolver sua capacidade cognitiva, de pensar e de agir criticamente.

2.3 ORALIDADE E ESCRITA DE JOVENS E ADULTOS

A escrita se tornou um bem social, indispensável para qualquer indivíduo enfrentar os desafios que a vida oferece. Seja na escola ou fora dela, ninguém consegue viver totalmente separado da escrita, mesmo que não estude regularmente. A escrita é um modo de produção textual, presente em todo lugar, público, privado, nas ruas, praças, onde quer que seja lá tem alguma coisa escrita, é uma habilidade que se tornou essencial para sobreviver em uma sociedade letrada.

O ensino da leitura e da escrita deve ser considerado como construção, não como desenvolvimento de habilidades, escrever é produzir, em situação específica, a escrita depende do pensamento, para um indivíduo escrever, ele precisa de conhecimento da leitura que faz parte da compreensão, também precisa utilizar conhecimentos sobre a estrutura de textos, de acordo com cada situação. Embora os fatos apontem que os adultos já possuem vários conhecimentos, eles devem considerar a leitura uma atividade interativa, de produção de sentido e de compreensão do mundo.

Além dessa grande variedade de habilidades e conhecimentos de leitura, há ainda o fato de que essas habilidades são aplicadas de forma diferenciadas a uma enorme diversidade de material escrito: literatura manual, didáticos, textos técnicos, dicionários, enciclopédias, tabelas, horários, catálogos, jornais, revistas, anúncios, cartas formais e informais, cardápios, avisos, receitas. Tal como a leitura, também a escrita, na sua dimensão individual. (SOARES, 2013, p. 31).

Um indivíduo que ainda não descobriu a prática social da escrita está incluído em uma sociedade em que ele pode ser considerado um ser que fala, mas que não escreve. A escrita tem características diferentes da fala, é uma modalidade que apresenta características próprias. Segundo Marcuschi, “A escrita não pode ser uma representação da fala”. [...], Assim como a fala, não ocorre da mesma forma que a escrita. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Os jovens e adultos têm a prática da oralidade, porém não têm habilidade com a escrita. Quando eles começam a perceber que estão em contato com a escrita, começa uma nova fase em que eles podem se comunicar, por meio da escrita. Podem até achar que a escrita é menos prestigiada que a fala, pelo fato de que um indivíduo ao nascer, logo aprende a falar, para depois aprender a escrever. Para Marcuschi (2011, p. 17), “Ambas permitem a elaboração de raciocínio, variações sociais [...] A oralidade e a escrita são práticas e usos da língua com características próprias”.

A leitura se diferencia da escrita de várias formas: aqueles que não sabem ler e escrever se valem dos gestos e das mímicas. Estes podem não saber nada sobre a influência da língua escrita, imposta pela sociedade, mas eles sabem usar muito bem a língua falada, que lhes acompanha desde criança. Durante toda sua vida, cresceram, construíram família, educaram seus filhos. Muitos trabalham com vendas, vão ao supermercado, fazem compras, vão à feira-livre, levam a vida como qualquer cidadão comum. Segundo Marcuschi (2011, p. 25), letrado é aquele que:

Na sociedade pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, o ônibus, consegue fazer cálculo, mas não escreve carta nem lê jornal. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa e não apenas aquele que faz uso formal da escrita.

Na atualidade, a escrita tem um valor maior do que a fala, principalmente no modo de produção textual discursivo, como as redações do Enem. Embora envolva outros recursos, como leitura, interpretação, oralidade, letramento, a escrita correta tem o ponto mais elevado e grande importância na vida humana. De acordo com Marcuschi (2011, p. 26), “É a modalidade escrita que nos permite entender a reflexão para aspectos discursivos e comunicativos”.

Ler e escrever faz parte da vida humana, as pessoas que não sabem ler e escrever, ainda não desenvolveu o raciocínio lógico com relação à escrita, ainda vive no “anonimato”, não percebem com clareza o que está em sua volta, existe um universo escrito a disposição da humanidade para garantir como ocorreram os fatos no passado como os textos sagrados, esses indivíduos ao entrarem em contato com livros, revistas, jornais e outros materiais escritos não conseguem diferenciar as leituras, se trata de um bilhete, uma poesia, um romance etc., não podem analisar as belezas literárias.

Sabemos que a escrita é um processo histórico, que veio muito tempo depois da oralidade. A escrita se compara com o avanço da tecnologia, nos dias atuais. Por exemplo, algum tempo atrás as pessoas viviam tranquilas sem o uso do celular, agora o celular faz parte do cotidiano de cada indivíduo, sejam adultos, jovens, adolescentes, até mesmo as crianças estão inseridas na era do celular, nas escolas o que mais se vê são crianças com celular acessando jogos, vendo notícias na internet usando o *facebook* junto com a colega da sala etc.

Assim é a escrita na vida de quem não estava inserida nesse contexto, o mundo da leitura e escrita quando ingressam nesse meio não conseguem mais viver fora dele. A leitura faz parte do cotidiano de todos independente de qualquer coisa, a mensagem do celular, o anúncio na televisão, as manchetes de jornais, livros, catálogos, revistas etc.

“O curioso é que, no geral, quem se dedica aos estudos da relação entre língua falada e língua escrita, sempre trabalha textos falados raramente analisa a língua escrita. [...], O que conhecemos não são nem as características da fala como tal nem da escrita, são características de um sistema normativo da língua” Marcuschi (2010 p. 35).

No processo de escrita, para alfabetizar adultos deve ser utilizado o mesmo recurso que é utilizado com a criança. O adulto precisa adquirir habilidades, coordenação motora, tem casos em que eles aprendem a ler e não conseguem escrever, pintar, desenhar. Para que os adultos se tornem cidadãos críticos e competentes, o alfabetizador precisa usar criatividade e paciência. Eles são carentes e precisam de atenção e se sentem incapazes, eles requerem compromisso, dedicação da parte do educador.

A primeira coisa que deve ser trabalhada com esse adulto é a auto-estima, o aluno deve ser orientado a desenvolver habilidades de leitura e escrita, para ele perceber que é capaz de aprender, “os adultos não alfabetizados viveram anos circulando e trabalhando em uma cultura escrita sem saber ler, sem saber escrever. Então é natural que tenham dúvidas sobre o que é ler, o que é escrever, e para que servem. “Schwartz . (2012 p. 75). E também saber que esse conhecimento é muito importante para aperfeiçoar o trabalho, desenvolver essa prática é expor o sentimento, quanto mais se escreve, mais habilidade se adquire. O aluno tem que ser ciente de que por meio do conhecimento ele pode se tornar um profissional competente, só depende de ele acreditar e prosseguir com seus objetivos.

O alfabetizador de adultos deve ser cuidadoso com as palavras que utilizar para conquistar a confiança e o carinho dos alunos. Esse é um passo fundamental para se desenvolverem no processo da escrita. Quando o aluno adulto aprende a ler e a escrever ou ele fica retraído, com vergonha, ou fala muito para expressar sua nova descoberta. É nesse momento que o professor tem a missão mais importante, que é incentivar esse aluno para que ele não venha a desistir. Continuar frequentando a escola é fundamental para esse aluno, quanto mais confiança ele tiver de si mesmo, melhor será sua desenvoltura, pessoal e profissional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os passos que foram seguidos ao longo do processo de construção do trabalho. Fatores históricos, aspectos referentes à metodologia, à pesquisa de campo, ao tratamento dos dados, que constituem o *corpus* do trabalho. Realizamos a pesquisa com o fim de obtermos resultados que comprovassem a realidade de alunos e de professores que vivenciaram esse processo na época em Barcarena.

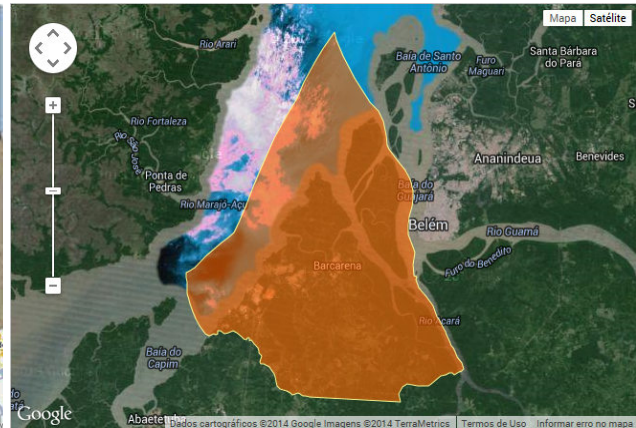
3.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Figura 1: Localização do Município de Barcarena no Estado do Pará.



Fonte: Dados Cartográficos ©2014 Google Imagens.

Figura 2: Território do Município de Barcarena.



Fonte: Dados Cartográficos ©2014 Google Imagens.

A origem da palavra Barcarena, segundo narrativas de velhos habitantes locais, foi motivada pelo fato de ter existido nessa localidade uma grande embarcação trazida do porto de Belém, com o nome de “Arena”. Essa embarcação pelo seu tamanho despertou muitas curiosidades. O tempo passou a consumir a embarcação, porém o vocábulo composto “Barca Arena” continuou, depois foi simplificada para Barcarena. Ainda existia uma casa chamada “casa das canoas”, ao lado esquerdo onde permaneceu a referida embarcação.

A barca foi transportada para o povoado Moju quara, ou Missão Gibirié este mudou o nome do povoado para Barcarena, ele também mudou o nome padroeiro do povoado. Era São Miguel, passou para São Francisco Xavier, em sua própria homenagem.

Barcarena foi primeiramente habitada pelos índios Tapuios e Aruans e teve como berço originário a população Moju quara. Em 1897, Barcarena foi elevada a categoria de vila pela Lei Estadual de nº 494 de 1º de maio de 1897, instalada como vila nas solenidades de 2 de janeiro de 1898. Dessa data em diante Barcarena como distrito-vila pertencia ao município de Belém. Pelo decreto Lei nº 4505, de 30 de dezembro de 1943, é elevada de distrito, à categoria de cidade. Instalando-se a sede do município, em 1º de Janeiro de 1944.

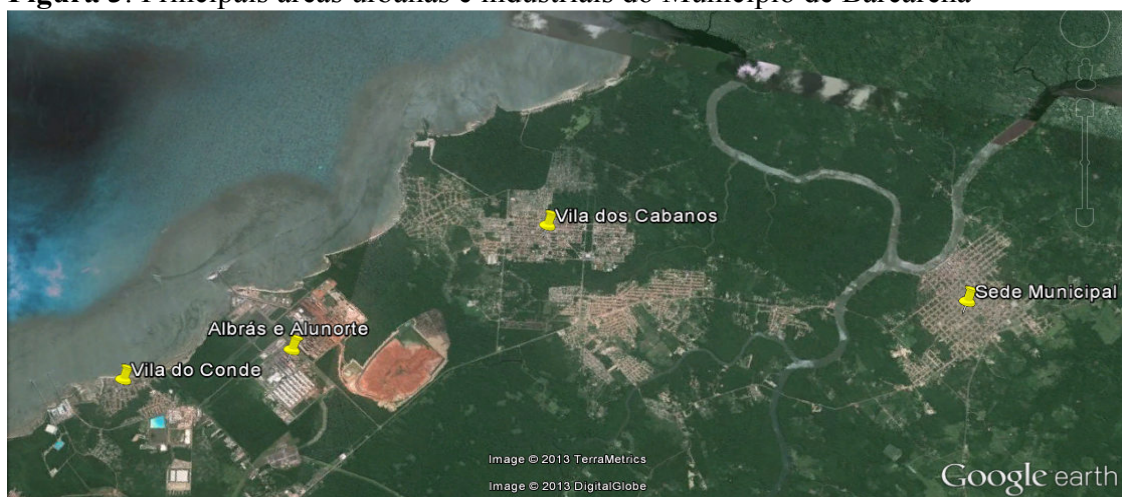
A cidade de Barcarena (atual São Francisco) situava-se à margem esquerda do Rio São Francisco, de difícil acesso. Tendo em vista esta inconveniência a Lei estadual de nº 534, de 23 de agosto de 1952, autorizou a mudança da cidade para o Rio Mucuruça, para facilitar a navegação.

Barcarena foi palco dos agitados anos da Cabanagem. Aqui também viveu o Conego Batista Campos, um líder cabano, revolucionário paraense que editava um jornal em oposição ao em exercício Governador Bernardo de Souza que lhe ordenou a prisão. O Conego Batista Campos fugiu e chegou a Barcarena, onde se escondeu na fazenda Boa Vista, no furo do arrozal, onde viveu até a morte em 31 de dezembro de 1834. Outro grande líder cabano foi Eduardo Angelim, ele possuía uma fazenda chamada “Mãe de Deus”, onde viveu cerca de 30 anos, e morreu em 11 de julho de 1882.

A partir da década de 70 do século XX, Barcarena se tornou um grande polo industrial, de grande aglomeração industrial, modernização, portos com capacidade para atracar navios de grande calado, situado na vila do Conde. Esses avanços trouxeram muitos benefícios à comunidade local, mas também causaram vários impactos: ambiental, econômico, cultural e social.

As cinco maiores empresas instaladas em Barcarena: Companhia Docas do Pará (CDP), Alumínio Brasileiro S.A. (Albrás), Alumina do Norte S.A. (Alunorte), Pará Pigmentos S.A. (PPSA), Imerys Rio Capim Caulim S.A. (IRCC) e ALUBA. Além dessas, existiam na época, mais de uma centena de empresas que eram prestadoras de serviços como: construção civil, terraplanagem, montagem e siderúrgica. Também faziam parte dessa grande aglomeração, empresas terceirizadas, todas trabalhavam em função das transformações industriais que estavam em desenvolvimento.

Figura 3: Principais áreas urbanas e industriais do Município de Barcarena



Fonte: Dados Cartográficos ©2014 Google Imagens.

As instalações das fábricas causou desmatamento, poluição, desapropriação de áreas já apropriadas há muito tempo. Antigos moradores, com moradias fixas tiveram que deixar suas casas e ir morar em outro lugar, sem nenhuma estrutura, alguns deles sobreviviam da pesca de pescados e mariscos, outros trabalhavam na roça. Essas pessoas foram todas remanejadas para outra localidade.

Desmembrada de Belém, Batelão da Barca como era conhecida por seus habitantes. Houve três espaços importantes que ajudaram a construir Barcarena. Vila de Mortigura, atual Vila do Conde, onde é feito o beneficiamento de caulim, alumínio e são construídos os cabos de energia elétrica.

Vila de Barcarena, antiga fazenda Gibirié, berço dos jesuítas onde desembarcavam os índios que vinham do Marajó. Carnapijó, atual cafezal onde ficava o antigo casarão. Hoje com aproximadamente 100 mil habitantes. A cidade de Barcarena fica a 23 quilômetros da cidade Belém em linha reta. Também fazem parte da cultura barcarenense: festas religiosas, festa do abacaxi, Mestre Vieira, o rei da guitarrada, a casa da árvore e exuberantes praias.

A população de Barcarena se configura da seguinte forma:

Quadro 1: Dados estatísticos populacionais de Barcarena.

Ano	População Geral	Urbana	Rural	Masculino	Feminino
Década de 1990	45.946	21. 629	24.317	23.413	22. 513
Dados de 2010	99.859	36. 297	63.562	50. 346	49. 513

Fonte: IBGE 1999 e 2010

Quadro 2: Não-alfabetizados

Ano	Valor (%)
Década de 1990	20,55
Dados de 2000	11,56
Dados de 2010	5,84

Fonte: IBGE 1999 e 2010

3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para a realização do trabalho entrevistamos seis alunos: três homens e três mulheres e, duas professoras, totalizando oito entrevistados. Uma das professoras ainda está atuando na escola, a outra já está aposentada, mas ainda presta serviços à sociedade. As duas atuaram em sala de aula em educação de jovens e adultos. E consideram essa época, como a época do desafio. Também afirmam que não houve muitas mudanças no que se refere à educação de jovens e adultos. O processo continua da mesma forma, é grande o índice de evasão e repetência. Durante a entrevista elas relataram fatos ocorridos referentes ao processo de alfabetização de jovens e adultos, em Barcarena, na década de 1990.

Os seis informantes alunos, não eram alfabetizados, todos passaram pelo processo de alfabetização de jovens e adultos. Três informantes masculinos e três femininos. As professoras informantes, uma é natural de São Domingos do Capim e a outra é natural de Belém mais se considera filha de Barcarena. Todos os informantes residem em Barcarena, embora tenham vindos de localidades diferentes. A coleta de dados foi feita com a aplicação de dois questionários: um para os alunos e um para os professores, e as entrevistas foram realizadas na residência dos entrevistados e gravadas com um celular Nokia.

Dos seis entrevistados: um chegou um pouco além economicamente se tornou um pequeno empresário; dois conseguiram emprego fixo por meio de concurso no município; duas conseguiram pequenas vendas; apenas um dos entrevistados não conseguiu resultado satisfatório. No geral, o processo de alfabetização foi positivo, eles superaram as dificuldades. Através da pesquisa ficou evidente, que aqueles alunos que permaneceram na escola, conseguiram superar as dificuldades e transformar ao menos em parte as suas realidades econômico-sociais.

Através da pesquisa pudemos perceber que o processo de alfabetização de jovens e adultos para quem não teve a oportunidade de frequentar a escola no período ideal é um grande desafio, pois estudar e trabalhar na idade adulta são tarefas para aqueles que verdadeiramente têm um objetivo e pensam num futuro melhor para suas vidas. Os informantes desta pesquisa depois de alfabetizados mudaram suas maneiras de ver e de ser, passaram a agir diferente, fica bem claro que a educação é o ponto principal para transformar qualquer cidadão, mesmo sendo adulto o indivíduo pode e deve estudar para desenvolver maiores habilidades e conhecimentos para melhorar a sua qualidade de vida, tanto profissional quanto intelectual.

Quadro 1: Perfil dos informantes

GRÁFICO DE PESQUISA			
Origem	Sexo	Escolaridade	Categoria
Igarapé-Miri	Feminino	Ensino médio	Aluna
Curuçambaba	Masculino	Não alfabetizado	Aluno
Rio Tucumanduba	Masculino	Nível superior	Aluno
Vila de Beja	Feminino	7º ano	Aluna
Cametá	Feminino	7º ano	Aluna
Abaetetuba	Masculino	8º ano	Aluno
Barcarena	Feminino	Nível superior	Professa
São Domingos do Capim	Feminino	Nível superior	Professa

3.3 PESQUISA DE CAMPO

No dia 30 de setembro de 2013, às 9h20, realizamos a primeira pesquisa com uma senhora de 50 anos de idade, natural de Igarapé-Miri. Ela nasceu em 1963, na localidade Riozinho, reside em Barcarena desde 1972 e foi aluna dessa época, estudou em uma escola pública municipal. A entrevista foi gravada com celular, a gravação durou 16 minutos e foi realizada na residência da entrevistada. Para realizarmos essa entrevista foi preciso marcar com os familiares, porque ela estava passando uns dias na casa de uma filha que mora no interior.

A Segunda entrevista foi realizada no dia 03 de outubro de 2013, com um professor da rede municipal de ensino, o qual foi aluno na década de 1990, que há 13 anos trabalha com a educação de jovens e adultos na rede municipal. A entrevista foi realizada na escola professor Aloysio Chaves onde ele trabalha, foi aplicado o questionário e a entrevista foi gravada com celular e durou 14 minutos.

A terceira entrevista foi realizada no dia 10 de outubro de 2013, na residência do senhor L. Rocha, às 15h45, foi difícil de encontrar a residência porque as pessoas o conheciam como tio Léo, mas ele foi indicado pela colega de turma como Leonardo que deu o endereço na localidade CDI, próximo ao posto médico. A entrevista foi gravada com celular e durou 10 minutos. Ao chegarmos à residência do seu L. fomos convidados a ir conhecer o sítio, um lugar muito bonito com muitas frutas, um pequeno plantio de macaxeira, milho e

outras frutas e verduras, conversamos com ele próximo a um igarapé de água corrente, vimos também os animais que se aproximavam de nós como se estivessem acostumados.

No dia 11 de novembro de 2013, foi realizada a quarta entrevista com M. dos Santos Martins, que frequentou a escola na década de 1990. A entrevista foi realizada com a aluna em sua residência, às 17 horas. Aplicamos o questionário e gravamos com celular, a duração foi de 16 minutos.

A quinta entrevista foi realizada no dia 12 de novembro de 2013, com a senhora M. Estela, às 16h30 em sua residência. A entrevista foi realizada com a aplicação do questionário e gravada com celular. A gravação durou 14 minutos. Essa entrevista foi a mais fácil, pois ao chegarmos à residência encontramos Dona Estela pronta para a entrevista, pois já havíamos combinado com bastante antecedência.

A sexta entrevista foi realizada com um aluno que frequentou a escola na década de 1990, senhor J. de Souza, em sua residência, no dia 13 de novembro de 2013, às 15h30. A entrevista se deu com a aplicação do questionário, em que o entrevistado ia falando e eu ia escrevendo, foi à única que foi feita dessa forma, foram apenas 09 minutos de entrevista. No momento da entrevista chegaram algumas pessoas que já estavam com hora marcada por isso ele não pode nos dar mais atenção.

Também no dia 13 de novembro de 2013, foi realizada a sétima pesquisa com a professora V. L. Barbosa de Oliveira, na escola onde a mesma trabalha, às 09h15. A professora entrevistada respondeu o questionário em companhia de outros colegas que atuaram na mesma época na educação de jovens e adultos, ficou tudo registrado e foi gravada com celular e durou 15 minutos. A entrevista foi feita na sala dos professores da escola. A professora é graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará e em Ensino de Artes pela UEPA, Trabalha com ensino fundamental maior e com educação de jovens e adultos. Também atua como vice-diretora de uma escola na zona rural de Barcarena.

No dia 14 de novembro de 2013 realizamos a oitava pesquisa realizada com a professora T. B. em sua residência, às 09h, a pesquisa foi através de questionário e gravada com celular e durou 15 minutos. Tereza Batista iniciou sua carreira em 1965 aos 17 anos, em São Domingos do Capim onde a mesma morava, ingressou no Estado em 1974 através de concurso público e foi nomeada para Barcarena. Trabalhou no município e no Estado, com crianças, adolescentes, e jovens e adultos. Ao todo as gravações duraram uma hora e dezoito minutos.

4 RESULTADO DOS DADOS

Para apresentar estes dados, fomos à procura de alguns alunos e professores que frequentaram nesse período a escola pública na década de 1990. Pelo fato de Barcarena, ser um polo industrial houve uma imigração muito grande de pessoas de vários lugares. Eram operários que vinham em busca de trabalho. Para obtermos melhor resultado a pesquisa foi realizada com seis alunos e dois professores da educação de jovens e adultos; relato de alunos e professores da época.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DE ALUNOS E PROFESSORES

4.1 PRIMEIRA ENTREVISTA (ALUNA)

Essa pesquisa foi realizada com uma aluna da década de 1990. Moradora de Barcarena há alguns anos, vinda da localidade Riozinho, interior de Igarapé-Miri. Aos 52 anos, viúva, próximo à aposentadoria, desfruta da oportunidade que teve na fase adulta ao ingressar em uma escola para participar do processo de alfabetização de jovens e adultos. Foi com muitas dificuldades que ela conseguiu estudar e cuidar dos filhos, mas, só agora percebe o quanto foi valioso todo seu esforço, se ela não tivesse estudo não teria tido as mesmas oportunidades e os benefícios que são resultados do seu ato

Por convite de um amigo, dona Nica, como gosta de ser chamada, casada e mãe de três filhos veio para Barcarena. Não sabia ler e escrever, por isso passou por muitas dificuldades, mas não desistiu, foi à luta, por causa de tudo que ela passou, resolveu mudar de vida, ingressando em uma escola pela primeira vez. Ela contou que no início era muito difícil, ela não tinha coordenação motora, chegou a desistir por duas vezes, mas por incentivo do amigo decidiu que voltaria a estudar e iria se esforçar ao máximo e não iria mais abandonar a escola.

Com muito esforço ela conseguiu concluir o ensino fundamental e também o médio. O motivo que a levou a estudar, além do incentivo do amigo, foi perceber que as pessoas que estudam têm oportunidade de mudar de vida, conseguem um bom trabalho, conquistam outros meios mais sólidos para sobreviver. A maior dificuldade era pagar o aluguel. O seu maior sonho era construir uma casa própria. Então ela decidiu fazer um curso de Língua Brasileira de Sinais, passou no concurso público, conseguiu se empregar e realizou seu maior sonho, construir sua casa própria. Dona Nica, ainda trabalha e agradece a Deus pela oportunidade de estudar depois de adulta.

Suas revelações são impressionantes, pois percebemos a felicidade em seu rosto, ela falou que aconselha aos jovens e adultos a voltarem a estudar, diz que nunca é tarde, sempre que temos uma oportunidade não devemos deixá-la escapar, mas aproveitá-la ao máximo, haja vista muitas vezes ser a única. Ela se referiu à época em que não sabia ler e escrever, que se sentia inferior aos outros. “Agora percebo como o mundo não é uma bola de neve como eu imaginava que fosse, é como uma flor que desabrocha na primavera, assim é quando um indivíduo aprende a ler e a escrever, sai da dependência e passa a ser livre em uma sociedade letrada, sabe se defender, conhece seus direitos e luta por eles”.

Não saber ler e escrever é como um cego. Ela afirma que “depois que passou a estudar, fazia compras e nunca foi enganada, porque conhecia o dinheiro, comprava todos os produtos necessários para sustentar sua família.” Segundo Tfouni (2006, p. 102), “uma sociedade letrada possui um sistema muito mais complexo, isto influencia todos os indivíduos que nela vivem e com ela interagem, sejam eles alfabetizados ou não”.

4.2 SEGUNDO ENTREVISTADO (ALUNO)

A pesquisa feita com um professor da rede municipal de ensino, que foi aluno na década de 1990. O aluno chegou a Barcarena em 1977, vindo do Rio Tucumanduba, interior de Abaetetuba. Trabalhava como carregador, depois passou a trabalhar como cobrador de ônibus e sentiu a necessidade de estudar, então ele trabalhava de dia e estudava à noite. Ele afirma que os alunos, a maioria adultos, vindos de outras regiões, que não eram alfabetizados, procuravam a escola com o objetivo de aprender a ler e a escrever. Muitos desses alunos não permaneciam na escola porque pensavam que iriam aprender rápido, mas com o passar do tempo percebiam que a aprendizagem não é um processo muito simples, e na maioria das vezes é muito árduo. Diante disso, muitos ficavam revoltados e saíam da escola.

O professor L. reside em Barcarena em moradia fixa, trabalha na rede municipal com a educação de jovens e adultos. Ele afirma que os alunos que permaneciam na escola passavam de três a quatro anos e não conseguiam seus objetivos. “Nunca houve diferença entre os alunos, todos eram recebidos da mesma forma que os alunos da cidade. Eram respeitados pelos professores e por toda a equipe técnica da escola, considerando costumes e cultura de cada um”. Os professores trabalhavam de uma forma bastante coerente e consciente, os conteúdos eram repassados de acordo com o modelo adotado pela secretaria de educação e pelo MEC. As avaliações eram de acordo com o que prescrevia o sistema de ensino.

O entrevistado afirma que hoje não mudou muita coisa no ensino de jovens e adultos, os alunos da EJA, continuam na mesma situação, com alto índice de evasão e repetência. No início do ano letivo, as turmas são formadas com no mínimo 25 alunos, mas no final do ano as turmas estão com menos da metade dos alunos, dessa forma, o processo de alfabetização de adultos continua semelhante ao da década de 1990. O processo de ensino continua o mesmo, os professores se prendem aos livros didáticos, aos projetos, repetindo as mesmas histórias. Apesar de o governo investir em projetos de educação de jovens e adultos, na prática pouca coisa mudou.

Ele também menciona um fator muito importante, da década de 1990, quase não havia merenda nas escolas para alunos da EJA, a merenda era para as crianças do ensino fundamental, eram poucas as escolas que possuíam sala de leitura e de vídeo, os recursos que os professores tinham em mãos eram os livros didáticos, o quadro negro e o giz. Nos dias atuais as escolas possuem merenda de qualidade para esses alunos, professores capacitados, recursos didáticos e os alunos na maioria jovens, não se dão conta que tudo isso é para preparar o futuro deles, mas parece que nada serve de incentivo, pois eles acabam abandonando a escola, sem ter obtido sucesso. Nem mesmo o pró-jovem garante a permanência dos alunos na escola.

A cada dia fica mais difícil trabalhar com EJA, parece que quanto mais o tempo passa os alunos ficam desmotivados para estudar. São as mulheres que permanecem mais tempo na escola, os rapazes seguem outros caminhos: drogas, roubo e marginalidade, as cadeias públicas estão lotadas de jovens delinquentes que abandonaram os estudos e estão à margem da sociedade.

4.3 TERCEIRO ENTREVISTADO (ALUNO)

Este entrevistado é um senhor de 60 anos de idade, natural de Curuçambaba, interior de Cametá, que frequentou a escola nessa década de 1990. Ele Chegou a Barcarena por volta de 1991 e não sabia ler nem escrever, veio como muitos vieram, em busca de uma oportunidade para conseguir sustento para sua família e educação para seus filhos, passou por muitas dificuldades.

Tio Leo como gosta de ser chamado, não tinha nenhuma qualificação para ingressar no mercado de trabalho. Esse foi um dos motivos que o levou até uma escola para estudar, lugar em que nunca havia estado antes, ele frequentou a escola por três anos, mas não conseguiu aprender os conteúdos que lhe foram repassados durante esse período. Mas se sentia bem em

sala de aula, conheceu outros colegas que estavam com o mesmo objetivo, aprender a ler e a escrever em busca de melhorar suas capacidades profissionais.

Quando foi questionado se esse estudo serviu para ele, imediatamente respondeu que não. Porque talvez não tenha sabido aproveitar a oportunidade, nem estava pronto para enfrentar as dificuldades, achava ser incapaz de aprender já tendo uma idade avançada, ia à escola, porém não sentia motivação e fazia pouco esforço, mas não adiantou de nada, continuou com sua vida de sempre, hoje trabalha e não sente mais vontade de estudar.

Tio Leo disse que não sabe se houve mudanças no estudo de jovens e adultos, pois no tempo em que eu frequentava a escola, os professores não davam muita atenção para os alunos, alguns até aprendiam porque tinham mais facilidade, para quem não tinha como eu, saía do mesmo jeito que entrava. Os professores da EJA deveriam ser os melhores da escola, ter paciência e ser dinâmicos, pois os alunos chegam cansados e às vezes até dormem na sala de aula. As aulas não eram interessantes, no outro dia a mesma coisa, seria mais interessante se tivesse um gravador com uma música para a gente dançar. “O dia que tiver na escola aula de dança para velhos, não quero perder, vou ensinar essa moçada a dançar”.

Durante a entrevista com tio Léo, pudemos perceber a frustração que ele sente por não ter conseguido seu objetivo, às vezes ficava inseguro, não sabe de quem é a culpa, se é do sistema, do professor ou dele mesmo. Quando se refere às aulas diz que eram pouco interessantes, repetitivas, sem muita importância.

4.4 QUARTO ENTREVISTADO (ALUNA)

Esta entrevista foi realizada com M. dos Santos Martins, que frequentou a escola na década de 1990, em Barcarena. A entrevista foi realizada em sua residência. Gravada com celular e, a gravação durou 16 minutos. Ela é uma pessoa educada, nos recebeu muito bem e nos forneceu informações necessárias para obtermos resultados para a nossa pesquisa.

Ela nasceu em maio de 1960, na localidade de Beja em Abaetetuba. Chegou a Barcarena em janeiro de 1989, casada, com uma filha e três sobrinhos que estavam aos seus cuidados. O motivo pelo qual ela e sua família chegaram a Barcarena foram os seguintes: condições financeiras, pois viviam em condições sub-humanas, falta de emprego, falta de alimentação para as crianças e toda a família.

Foram essas condições que obrigaram com a família a mudar para Barcarena, em busca de uma vida melhor, influenciada pelas notícias que em Barcarena havia muito

emprego nas empresas para homens e mulheres. Ela se refere a essa época como a mais difícil em toda sua vida.

“Passei muita fome eu e minha família, para conseguir um prato com comida, tínhamos que trabalhar capinando o dia inteiro no sol, minha filha só comia tripa, era a única coisa que dava pra comprar, às vezes nem dava, os vizinhos é que davam para ela não passar o dia inteiro com fome. Hoje os pobres não passam fome, porque tem bolsa escola, bolsa família, mas naquela época, agente morria de fome e ninguém ajudava”.

Quando a família chegou a Barcarena, a maior dificuldade foi não ter onde morar, não tinham amigos por perto, arrumar emprego se tornou mais difícil ainda, havia muitas vagas, mas eles não se enquadravam no perfil exigido pelas empresas: qualificação profissional. Sem dinheiro nem pra comprar pão, o que restava para eles era o bota-fora¹, que ajudava muitas pessoas. Esse lugar abrigava muitas famílias e a família dela era um delas, eles iam à busca de alimentos.

A entrevista não tinha estudo, só estudou até o 2º ano do ensino fundamental, por isso resolveu se matricular em uma escola para cursar a 1ª etapa do ensino fundamental, mas não conseguiu, pois não sabia ler. Ela foi para a alfabetização, pois tinha muita vontade de ler, escrever, ler a Bíblia, sonhava em ter uma venda própria, saber passar troco, escrever seu próprio nome, votar, sem precisar por o dedo.

Ela disse que sentia muita vergonha de falar “errado” perto das pessoas, principalmente perto daqueles que ela julgava serem inteligentes como médicos, professores, em sua visão eles falavam corretamente. Ela se recorda que passou por vários constrangimentos, não sabia pegar ônibus, certa vez foi a Belém e perguntou para um cidadão, disse o lugar aonde ia e ele informou o ônibus errado, ela foi parar muito distante do seu lugar de destino. Seus familiares ficaram preocupados, chamaram a polícia para encontrarem já que ela não se comunicou.

A entrevistada afirmou “passei muita fome, humilhação, para a gente conseguir comer tinha que trabalhar duro, mas Deus me ajudou conseguir o que eu mais queria aprender a ler e a escrever, Nunca trabalhei com carteira assinada, mas consegui minha própria venda, não é um grande supermercado, mas é suficiente para sustentar minha família”.

Estudar depois de adulta foi um grande desafio, muitos dos meus amigos diziam que eu não ia conseguir, mas agora percebo o quanto foi importante, tem servido muito para não ser enganada.

¹ Bota-fora era o lugar onde a Albrás jogava alimentos impróprios para consumo.

4.5 QUINTO ENTREVISTADO (ALUNA)

Esta entrevista aconteceu com uma aluna que frequentou a escola na década de 1990, em Barcarena. A entrevista foi realizada na residência da aluna às 16h30, foi realizada com a aplicação do questionário e gravada com um celular e durou 14 minutos.

M. E. nasceu em janeiro 1958 em Cametá-Pará, ela chegou a Barcarena em 1989, acompanhada do marido, dois irmãos, duas cunhadas e três sobrinhos. O motivo que levou a família a mudar para Barcarena foram os seguintes: falta de emprego e precárias condições financeiras. Na esperança de conseguir sustento para sua família, Estela veio em busca de emprego, mas quando chegou a Barcarena percebeu que havia uma série de formalidades, em que uma delas era ser alfabetizado, no mínimo saber assinar o próprio nome, mas nem isso Estela sabia.

A partir daí começaram a surgir os problemas, a maior dificuldade que eles enfrentaram foi a falta de moradia, sem ter onde morar, Ela começou a morar de aluguel, quando não conseguia dinheiro para pagá-lo, era posta para fora com seus pertences, sem ter o que comer os homens da família iam para o porto desembarcar tijolos, e as mulheres lavavam roupas dos funcionários das empresas.

Sem saber o que fazer, ela resolveu procurar uma escola e a primeira escola que Estela frequentou foi em Barcarena, em 1993. Ela afirma, “eu tinha muita vontade de estudar, aprender a ler e a escrever, porque eu escrevia com o dedo, escrever meu próprio nome era um grande sonho, eu tinha muita vergonha, quando ia a algum lugar não gostava de falar, porque eu tinha medo de falar errado, ficava calada e ia embora”.

O processo de alfabetização serviu, pois Estela aprendeu a ler, a escrever, matemática, desenvolveu a habilidade de falar em público, não escreve mais com o dedo, ela permaneceu na escola por três anos, em escolas diferentes, porque ela não tinha casa própria. Ela passou por vários constrangimentos, e se refere a essa época “como se eu fosse cega, em pleno dia, assim é a vida de quem não sabe ler em meio à sociedade, parece que tudo tempo você está servindo de bobo”.

Tudo que Ela, queria referente à leitura e escrita, pedia para uma vizinha, até que um dia a vizinha tratou-a muito mal. Foi aí que ela decidiu se esforçar para se tornar independente, não pedir ajuda a ninguém. Ela afirmou que logo que chegou a Barcarena, houve um concurso público, com muita dificuldade ela conseguiu o dinheiro para pagar a inscrição. Chegando ao banco, a moça disse que não podia escrevê-la porque ela não ia fazer

a prova com o dedo, seria dinheiro jogado fora. Ela saiu triste como se o mundo tivesse desabado em sua cabeça.

Apesar da humilhação, ela não desanimou e continuou lutando com coragem de vencer, sua luta não foi em vão. Ela conseguiu comprar uma casa pequena de madeira, em 2005, conseguiu terminar o ensino fundamental, decidiu voltar a estudar e concluir o ensino médio. Nunca trabalhou de carteira assinada como era sua vontade, mas trabalha com vendas de roupas e outros acessórios e é bem sucedida em suas vendas. Para ela o processo de alfabetização nos anos 1990, valeu apenas, serviu de incentivo, contribuiu para que hoje ela tenha uma vida tranquila, conseguindo sustento para sua família e levar uma vida digna.

4.6 SEXTO ENTREVISTADO (ALUNO)

Esta entrevista foi realizada na residência do ex-aluno J. S. Aplicamos o questionário no dia 13 de novembro de 2013, às 15h30. A entrevista anotada em papel, pois o entrevistado não permitiu que gravássemos e durou apenas 09 minutos. O entrevistado nasceu em junho de 1966, às margens do Rio Pacuera-Açu, Igarapé-Miri/PA. Ele chegou a Barcarena em 1988, casado com dois filhos. O motivo pelo qual ele resolveu mudar para Barcarena foi: a morte de seu pai e a falta de emprego. Procurou recurso para tratar de seu filho que estava doente, no hospital da CODEBAR (que hoje pertence ao Município), na época o melhor hospital que existia.

A sua família enfrentou muitas dificuldades logo que chegou a Barcarena. Conseguir emprego não era fácil, visto que ele não tinha qualificação profissional, sua única profissão era tecer rede de pescar. Falta de moradia, pois tinha dificuldade de pagar aluguel, uma vez que não tinha trabalho fixo. Ele não sabia ler e escrever conseguiu trabalho de ajudante de pedreiro, mas era muito difícil para ele sobreviver com o salário que era muito baixo para manter a família com duas crianças e mais uma a caminho. Depois de pensar bem ele resolveu se matricular no curso de alfabetização para jovens e adultos. Permaneceu na escola durante 04 anos, não conseguiu concluir o ensino fundamental, mas aprendeu a ler, a escrever e fazer cálculos.

Continuou trabalhando, foi ajudante, depois conseguiu ser classificado para pedreiro, aprendeu a ler projeto e logo foi classificado para encarregado de acabamento. Trabalhou em várias empresas. João afirma “sem estudo o homem não é um cidadão completo”. “Estudar foi uma das melhores coisas que eu fiz na vida”. O estudo foi à base que garantiu meu trabalho, não estudei por muito tempo, mas o que eu aprendi está servindo, trabalhei empregado por

pouco tempo, logo consegui minha própria empresa, que atualmente tem vários funcionários, engenheiro, contador e desfruto de tudo que eu consegui. “Hoje Deus tem dado em minhas mãos casas, terrenos, carros, ônibus, mas nunca esqueço que tudo começou do zero, na alfabetização”.

Ele, assim como outros que não tiveram a oportunidade de estudar quando criança e adolescente, passou por dificuldades.

“Confesso que perdi algumas oportunidades de emprego, certa vez o engenheiro-chefe e coordenador geral da Albrás, muito meu amigo, chamou meu encarregado e me mandou ir para outra área de trabalho, dentro da fábrica, eu fui fiz os exames, na hora de assinar os papéis tinha que ter no mínimo o ensino fundamental completo, como eu não tinha, ele embolou os papéis e jogou no lixo e pediu para eu sair da sala”.

Como podemos observar o processo de alfabetização foi positivo na vida de João. Hoje ele é um empresário bem sucedido, mas tudo começou lá na década de 1990, quando se matriculou na EJA.

4.7 SÉTIMO ENTREVISTADO (PROFESSORA)

Esta entrevista foi realizada com a professora V. Paraense que é casada, mãe de três filhos e que nasceu em junho de 1956. Ela trabalha com educação de jovens e adultos há 27 anos, pelo estado e pelo município. Esteve em sala de aula durante toda década de 1990 e permanece exercendo a função que se dedicou a vida inteira, ela trabalhou com o projeto Mobral, em Barcarena e em Belém.

Atualmente trabalha com ensino fundamental, EJA e com ensino médio. Ela afirma que que naquela época a educação de jovens e adultos era realizada com muita dificuldade, mas ao mesmo tempo com muito carinho, dedicação e amor, carência total, mas o mais importante era a meta de cada professor, porque todos queriam o melhor para os alunos, portanto alfabetizar muitos trabalhadores homens e mulheres naquela época foi um grande desafio.

Todos eram recebidos com carinho como qualquer cidadão que tem direito a educação. Na época em Barcarena trabalhava com adultos em parceria com a comunidade, com recursos próprios, livros didáticos, quadro negro e giz. Essa época, apesar de ser um tempo difícil, era gratificante porque trabalhava as diferenças de cada um com respeito, os alunos que eram de outras regiões sentiram-se amparados como se estivessem em sua terra natal. Hoje tem a internet que facilita muito os estudantes, mesmo assim eles não querem nada, continuam se matriculando e desistindo como se o estudo fosse uma brincadeira.

A professora afirmou, que “às vezes eles terminavam os estudos e iam embora, perdia-se totalmente o contato, só ficavam lembranças engraçadas de povos de cultura e costumes diferentes”. Na verdade as escolas em Barcarena estavam prontas para acolher essa diversidade de alunos. Era grande a expectativa, uma grande parte desses trabalhadores procurava a escola para serem alfabetizados para conseguir emprego e melhores salários.

A escola sempre cumpriu com o seu papel, para que esses alunos pudessem sair com o maior nível de conhecimento possível. O que ocorria era que os alunos principalmente os mais idosos, não conseguiam aprender os conteúdos, por isso não permaneciam, mas apesar das dificuldades, naquela época era melhor de trabalhar com a EJA do que hoje. Nos dias atuais se tornou muito difícil, pois os valores se perderam principalmente o respeito, que já não existe. Mesmo com melhores recursos, tecnologias, ambiente adequado nem os que fazem parte do pró-jovem são incentivados a permanecer na escola.

4.8 OITAVO ENTREVISTADO (PROFESSORA)

Esta pesquisa foi realizada com a professora T. B. S. em sua residência, às 09h. T. B. nasceu em junho de 1942 em São Domingos do Capim-Pará. É graduada em Língua Portuguesa e História, trabalhou 38 anos, na rede Estadual e Municipal, atualmente está aposentada, mas ainda presta serviços à comunidade, mostra que tem compromisso com a educação.

A professora disse que “em Barcarena a educação de jovens e adultos era muito difícil, não havia projetos, o que se trabalhava era o Mobral e o supletivo por etapas. Todos os alunos eram inseridos nas turmas e participavam das aulas normalmente. Os recursos eram quadro negro, giz e livros didáticos”.

Os alunos que vinham de outras regiões ficavam por certo período e pediam transferência, ou desistiam, “na realidade a escola não tinha como preparar esses alunos em pouco tempo, apenas ministrava aulas para o aluno desenvolver algumas capacidades de aprendizagem”. Ela também reforça a ideia de que nos dias atuais, o acesso à escola, é facilitado, a facilidade de aprovação dos alunos, valorização do conhecimento do educando e o currículo é voltado para a preparação da cidadania.

Voltando à década de 1990, a professora diz: “Os alunos eram dedicados, as turmas eram superlotadas, mas ainda assim os professores tinham o controle; hoje há muita violência nas escolas, os alunos são indisciplinados”. A internet deixa os alunos preguiçosos, eles querem fazer tudo pelo celular, nessa época, mesmo com muita dificuldade, o professor tinha

mais liberdade, segurança para trabalhar com educação de jovens e adultos; agora existem muitos projetos do MEC em parceria com o Governo Federal, que vêm beneficiar os alunos, tem materiais didáticos de boa qualidade, as escolas possuem salas de vídeos, sala de leitura, ferramentas que facilitam na aprendizagem dos alunos. Mas parece que tudo isso não é suficiente para despertar o interesse dos alunos pelos estudos, só aumenta cada vez mais a violência e o descaso pela educação de jovens e adultos.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho mostra um pouco como foi realizado o processo de alfabetização de jovens e adultos em Barcarena. As dificuldades enfrentadas por alunos e professores envolvidos no processo, quais os métodos usados para o processo de leitura e escrita dos alunos, como eram recebidos os alunos vindos de outras regiões do país, do estado e da zona rural de Barcarena.

Na época as escolas não tinham acesso aos avanços tecnológicos de hoje, eram utilizados livros didáticos, quadro e giz. Para os professores realizarem seus trabalhos, usavam suas habilidades e tinham que ser criativos para os alunos aprenderem a ler e escrever. Nessa época havia uma variedade linguística muito grande, porque eram alunos vindos de várias regiões e os professores tinham que ter cautela na hora de ministrar aula, por causa da diferença de costumes e cultura de cada aluno, sem recursos didáticos os educadores passavam por muitas dificuldades para alfabetizar os alunos.

Eles eram na maioria homens adultos com o mesmo propósito, buscar sobrevivência, melhor conforto para suas famílias e educação para seus filhos. Porém muitos não conseguiram seus objetivos, acabaram fracassados tiveram que voltar a sua terra de origem, por falta de estudo e qualificação profissional.

Os resultados da pesquisa mostram que houve um grande impacto na educação de jovens e adultos, causados pelas empresas que demandavam mão-de-obra qualificada, se apenas forçou muitos trabalhadores a voltar a estudar ou a estudar pela primeira vez. Eram trabalhadores vindos de lugares diferentes, em busca de emprego, muitos deles não eram alfabetizados, o resultado desse movimento deixou as escolas superlotadas, de homens e mulheres adultos com o mesmo objetivo: aprender a ler e a escrever para tentar conseguir um emprego.

Os que permaneceram conseguiram qualificação profissional, compraram a casa própria e se mantiveram firmes naquilo que queriam, uns estão bem financeiramente; outros sobrevivem de acordo com suas possibilidades financeira e social. A educação de jovens e adultos é um processo que vem sendo analisado por vários pesquisadores e estudiosos que atuam na área da educação. Vivemos em uma sociedade do conhecimento, em um mundo de tecnologias, com uma cultura escrita avançada, praticamente eletrônica.

Aquele indivíduo que não estiver habilitado a essas tecnologias, ficará de fora do mercado de trabalho, impedido de participar ativamente da sociedade como cidadão. Como educadores da educação básica, devemos fazer tudo que for possível, para que os jovens e

adultos não alfabetizados, possam ter uma educação de qualidade, para que saiam saírem da escuridão, tenham capacidade de aprender os conhecimentos necessários para que eles façam parte da sociedade e como cidadãos merecem uma vida digna em uma sociedade letrada e alfabetizada.

REFERÊNCIAS

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Infográficos: Dados gerais dos municípios. Disponível em <:http://cidades.ibge.gov.br/painel.> Acesso em: 03 jan 2014.

KLEIN, Lúcia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 4 ed. São Paulo: Cortez; Campo Grande: Editora da UFMS, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: Teoria e prática** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEICOMTUR. **Secretaria de Indústria Comércio e Turismo de Barcarena**. Travessa São Francisco, s/n, Barcarena/PA. e-mail: seicomtur@yahoo.com.br.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados em uma sociedade letrada**. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2006.

Lei Estadual nº 4.805 de 1943.

Lei Estadual nº 534 de 1952.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO 1: Alunos

1 Qual é seu nome? E qual é sua cidade natal?

2 Data de nascimento: mês e ano?

3 Qual foi o motivo que fez você mudar para Barcarena?

4 Quando você chegou, qual foi a maior dificuldade que você enfrentou?

5 Qual era seu grau de instrução (escolaridade)?

6 Em que período você frequentou a escola? E qual foi o tempo de permanência na escola?

7 Porque você resolveu estudar? Qual era o seu objetivo com esse estudo?

8 Esse estudo serviu para você alcançar seu objetivo

9 Alguma vez você passou por constrangimento por falta de estudo

10 Você perdeu alguma oportunidade de emprego por não ter estudo e qualificação profissional?

11 Quando você chegou, trabalhou em alguma empresa? Qual era sua função?

12 Você sentia vergonha diante dos seus amigos, por não saber ler e escrever e assinar com o dedo?

13 Você se arrependeu de não ter estudado? Se você pudesse voltar o tempo o que você faria?

QUESTIONÁRIO 2: Professores

1 Qual é seu nome? Data de nascimento: e lugar de origem?

2 Qual o seu nível de instrução? E em que área você é graduada?

3 Há quanto tempo você atua na educação ? Você atuou na educação de jovens e adultos na década de 90, em Barcarena?

4 Nessa época, como era realizado o processo de alfabetização de jovens e adultos? E como as escolas recebiam esses alunos vindos de outras regiões?

5 Você se lembra quais os projetos do MEC, nessa época? E quais e como eram utilizados os recursos didáticos na educação dos alunos?

6 Como as escolas preparavam esses futuros trabalhadores? E qual era o tempo de permanência deles na escola?

7 Como os alunos se comportavam em sala de aula na década de 90? Você acha que mudou nos dias atuais?

8 Com você vê o avanço da tecnologia para a educação de jovens e adultos hoje?

9 Em sua opinião, porque os adultos não permanecem na escola? E porque a educação deles é diferenciada do regular? O que precisa ser feito para eles permanecerem na escola por mais tempo

10 Em sua opinião, o avanço da tecnologia serviu de incentivo para melhorar a aprendizagem dos alunos? Como você vê a educação de jovens e adultos nos dias atuais?

FOTOS



Informante



Informante



Sala de aula: década de 90



Sala de aula: década de 90



Produção do Alumínio



Porto de Vila do Conde